

Leonardo Parente

De Rolê pela América do Sul

diário de bordo de um mochileiro baiano

Distribuído e comercializado por



AGBook do Brasil S/A
Rui Barbosa, 468/472 – Bela Vista
São Paulo/SP – 01.326-010

Impresso *on demand* por



Alphagraphics do Brasil S/A
Av. Brig. Faria Lima, 2941 – Jardim Paulistano
São Paulo/SP – 01.452-000

Leonardo Parente

De Rolê pela América do Sul

diário de bordo de um mochileiro baiano

3



FARRAPOS

© 2022 - Todos os direitos da obra são reservados ao autor.
Nenhuma parte desta publicação, incluindo a sua capa, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por nenhum meio, seja eletrônico, químico, mecânico, ótico, de gravação ou por fotocópia, sem a autorização prévia e escrita do autor.

1ª Ed. 2022 – Impresso no Brasil/ Alphagraphics do Brasil S/A

ISBN – 978-65-995247-5-2

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Farrapos. Sistema de Bibliotecas

B869.1 Parente, Leonardo
L422n De rolê pela América do Sul: diário de bordo de um mochileiro baiano / Leonardo Parente. – Euclides da Cunha: Farrapos Publicações, 2022.
382 p.

ISBN 978-65-995247-5-2

1. Literatura – 2. Literatura Brasileira – 3. Literatura de viagem I. Parente, Leonardo de. II. Título.

CDU 37:7

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura: Século 21: Literatura Brasileira 869.915001.42
2. Século 21: Literatura Brasileira: Literatura 869.915001.42

“[...] na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. A coisa mais essencial do espírito vivo de um homem é a sua paixão pela aventura...”

*! Christopher Johnson
MacCandless*

!

Agradecimentos

Josedil Matias, Joseana Parente, Milena Brasil, Liz Antonieta, Marcela Parente, Juan Chain (Argentina), Lucas Estevan (Argentina), Felipe Frango, Kate (Inglaterra), Pablo (Chile), Frederick (Suíça), Doris e Carlos (Inka Expediciones Peru), Sosa Hostel (Mendoza), Colque Tuor (Chile), João e Joana, Claudio Manuel, Sergio Sobreira, Hotel París (Chile), Residencial Latino (Bolívia), Carlos Amorim, Ailson Rolemberg, Ciro Fernandes e Mari Brasil (Bateu Vontade), Alfons Heinrich Altmicks , Márcia Carvalhal, Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Todos que de alguma forma fizeram parte do projeto como um todo e que foram personagens desta aventura..

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry, no matter how small, should be documented to ensure transparency and accountability. This is particularly crucial in financial reporting, where even minor discrepancies can lead to significant errors over time.

In addition, the document highlights the need for regular audits and reviews. By conducting periodic checks, organizations can identify potential issues early on and take corrective action before they escalate. This proactive approach not only helps in maintaining the integrity of the data but also ensures that the organization remains compliant with relevant regulations and standards.

Furthermore, the document stresses the importance of clear communication and collaboration between different departments. When everyone is on the same page, it becomes easier to track progress, address challenges, and make informed decisions. This collaborative environment is essential for the success of any project or organization.

Finally, the document concludes by reiterating the value of thoroughness and attention to detail. In a complex and fast-paced world, it is easy to overlook important details. However, by committing to high standards of accuracy and diligence, organizations can build trust, enhance efficiency, and achieve their long-term goals.

SUMÁRIO

Notas do autor, 15

Página 22

1. Problemas com os federais chilenos e treta com os carabineiros... um mochileiro em Santiago incomoda muita gente? 04/01/2007

Página 40

2. Contatos imediatos do terceiro mundo... do velho pornô ao rolê nos cerros. 05/01/2007

Página 59

3. Chega de albergue!
Prefiro a calma da Calle Paris... 06/01/2007

Página 75

4. Rock'n'Roll na Plaza de Armas... e bomba na fronteira. 07/01/2007

Página 89

5. Borrachos em Mendoza... parrilhada para amenizar. 08/01/2007

Página 108

6. Alta Montanha e Aconcágua... adiós Argentina! 09/01/2007

Página 119

7. De volta ao Chile, para Valpo, quintal de Che Guevara... a peleja entre argentinos e chilotes... 10/01/2007

Página 131

8. Pela Ruta Panamericana... chocado com o Pacífico. 11/01/2007

Página 137

9. Perseguido em Calama... o melhor é seguir para o Atacama. 12/01/2007

Página 148

10. O pôr do sol do Vale de la Luna depois de caminhar no Vale da Morte. 14/01/2007

Página 155

11. Papito... Papito... Sofrendo de soroche e escutando cúmbia rumo à Bolívia. 15/01/2007

Página 169

12. Terror! Temperatura abaixo de zero e folha de coca pra amenizar... a um passo do colapso com o mal da montanha. 15/01/2007

Página 184

13. Surrealismo em Uyuni... nostalgia no cemitério de trens (Así es la vida). 16/01/2007

Página 194

14. Na cidade mais alta do mundo... Potosí! 17/01/2007

Página 199

15. Potosí, uma cidade que vale prata...
preciosidades do Museo Casa de La Moneda a Torre de La
Compañia de Jesus. 18/01/2007

Página 205

16. Sucre soberana...
O tombo da UNESCO que clama por autonomia. 19/01/2007

Página 210

17. Fazendo amigos no comedor popular e levando cano no
museu do exército boliviano... 20/01/2007

Página 214

18. Ônibus londrino em La Paz e um encontro com bruxas
bolivianas. 21/01/2007

Página 231

19. Um encontro com Evo Morales. 22/01/2007

Página 242

20. Na rota do Titicaca, rumo ao umbigo do mundo.
24/01/2007

Página 253

21. Outra vez perseguido... novamente bêbado, desta vez no Peru. 25/01/2007

Página 260

22. Valle Sagrado pra curar ressaca. 25/01/2007

Página 268

23. No trem, rumo à cidade sagrada dos incas. 26/01/2007

Página 275

24. Chuva, granizo e frio... enfrentando o mau humor da natureza para alcançar Machu Picchu. 27/01/2007

Página 292

25. De volta a Cuzco, seguindo para La Paz... antes uma pedra no meu caminho. 28/01/2007

Página 298

26. Professor, indígena e gay... conversa confusa com o velho Raul em La Paz. 29/01/2007

Página 306

27. Cocaína e cachaça em estradas andinas... pensando na rota entre La Paz e Cochabamba. 30/01/2007

página 316

28. Clima de carnaval em Cochabamba...
proteja-se das bombas de água. 31/01/2007

Página 323

29. Yo quiero un asado por favor! 01/02/2007

Página 325

30. Tédio... Só me resta ver o cristo. 02/02/2007

Página 328

31. Volver! 03 e 04/02/2007

Notas do autor

Caro leitor,

Viajar com uma mochila nas costas e escrever um livro reportagem foram dois fatos isolados. A ideia de fazer uma grande viagem seja lá para onde fosse, habitava na minha mente desde criança quando comecei a ficar fascinado por trilha, natureza, estradas e essas coisas que seduzem um aventureiro desde o berço.

Minha primeira trip foi em meados da década de 80, com meus pais para a cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina. Respirar aquele ar, naquele lugar, naquela época, foi especialmente decisivo para a minha tendência mochileira. Naqueles dias provei uma dose de cada vício: subi uma montanha, fiz uma travessia numa caverna, tomei banho de cachoeira e acordei com um friozinho incomum para que nasceu e viveu na cidade de Salvador.

No ônibus em que retornava para casa, depois desta viagem para Chapada Diamantina, senti pela primeira vez o que sinto até hoje, no último dia de viagem, vontade de voltar, depressão pós viagem. Depois daquilo, tudo ficou diferente na minha cabeça, a

vontade de voltar já tinha virado promessa, a promessa virou ação e eu nunca mais parei.

Comecei a escrever este livro-reportagem no início de 2008, com o objetivo de apresentá-lo como trabalho de conclusão no curso de jornalismo, no final daquele mesmo ano, claro que sempre houve um interesse em levar o projeto para frente, pensar a obra e tocar adiante, mas a bigorna grande e pesada da realidade caiu sobre a minha cabeça, com as burocracias, falta de dinheiro e falta interesse editorial, mas afinal de contas, quem toparia publicar mais um livro sem refinadas qualidades literárias, de um jornalista baiano deslumbrado com o mundo lá fora?

Em pleno 2022, mais de dez anos se passaram e ao abrir os olhos me deparo com um delicioso e assustador panorama de livros relatos, livros-reportagem, documentários, guias, fóruns especializados, sites, blogs, produção audiovisual para internet, TV fechada, TV Aberta, aplicativos para celular e uma infinidade de produtos voltados para cultura viajante Além disso me vejo na iminência de produzir um novo trabalho de conclusão de curso, desta vez uma pós-graduação na área de Marketing Digital, na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), e uma nova onda me toma, a

vontade de botar na rua esse trabalho simples, mas absolutamente de puro coração.

Encontrar pessoas essenciais no caminho foi crucial, pessoas que pudessem fazer deste desejo uma realidade absolutamente plausível, doando sua experiência, sua mão de obra e sua tranquilidade para fazer acontecer como foi o caso do querido mestre Alfons Heinrich Altmicks, a quem dedico essa nova fase do processo, além também da Professora Doutora Márcia Carvalhal e da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), pelo apoio.

Nessas circunstâncias onde nem todas as iniciativas são honestas, num tempo em que vislumbra-se a oportunidade de ganhar dinheiro viajando, ou viajar ganhando dinheiro muita coisa forçada está acontecendo. Em meio a isso tudo, sinto que o meu livro pode ter um espaço nesse meio, sem necessariamente o apoio oficial de uma grande editora.

Notavelmente me falta o primor da literatura, a elegância na escrita e uma lista grande de coisas que sobram nos meus grandes inspiradores Hunter S. Thomson, John Krakauer, Jack London, Júlio Verne, Airton Ortiz, Jack Kerouac. Apesar de tudo, ainda não encontro justificativas para não publicar a minha

versão dessa trip que hoje parece tão comum, tão acessível, pois já li 1000 histórias e relatos sobre os mesmos lugares e aventuras e ainda sim, sempre me surpreendo com novas visões do mesmo, das mesmas dicas contadas de forma diferente.

Após uma nova revisão, pouca coisa foi alterada neste trabalho, poderia acrescentar elementos que rebuscassem mais o texto, mas não o fiz porque justamente gostaria de manter o clima, eu ainda era um aspirante a jornalista, com alguns pensamentos de certa forma inocentes e equivocados, minha inexperiência obviamente também deu o tom a esta obra. No entanto, fiz questão de realizar correções referentes a novas alterações ortográficas da Língua Portuguesa, bem como corrigir e reparar alguns termos quando me referi as comunidades indígenas andinas, quando agi de forma ignorante e equivocada sobre esse povo, ainda que de forma não proposital, quando agi de forma discriminatória acerca da comunidade LGBTQIA+ ainda sem saber que estava errado.

Num país que atualmente vive um esgoto moral, onde parte da sociedade acredita que tem direito de ofender, de ser racista, xenofóbico, misógino, homofóbico, na minha obra eu definitivamente não permitiria o

mínimo indício de tais práticas que a pouco tempo atrás eram normalizadas. Como jornalista me sinto na obrigação de não só execrar esse fantasma da minha obra, como assumir que o fiz, pois lugar de sujeira é no lixo e não debaixo do tapete. Acredito numa sociedade que ainda vai se recuperar dessa fase obscura, pois ninguém nasce ruim, o meio as transforma, e se isso acontece, quero contribuir pra que minha filha e os filhos de tantos outros possam crescer num meio menos cruel do que estamos vivendo, pois os maus definitivamente não passarão.



Uma pausa para conferir os registros fotográficos – Potosí (Bolívia) Foto: Danilo Vieira @xdanvieira



Deserto de Ulyuni – Bolívia. Clicks do fotógrafo Danilo Vieira. @xdanvieira



Lago Titicaca, do lado Boliviano. Click do fotógrafo Danilo Vieira. @xdanvieira

1 . Problemas com os federais chilenos e treta com os carabineiros... um mochileiro em Santiago incomoda muita gente?

04/01/2007

O piloto então avisa que o pouso já havia sido autorizado e que, dentro de poucos minutos, estaríamos em solo chileno. Com voz suave e tranquila, ele nos falou da temperatura e das condições climáticas, mas nada me assustou, até então estava tudo igual ao clima da velha Salvador.

Bem ao contrário do que eu imaginei, o tempo estava quente, pois no mês de janeiro não faz muito frio em Santiago, chegando a ter dias quentíssimos acima dos 30 graus e noites frias na casa dos 15. No mês de junho e julho, a temperatura cai para 9 graus, chegando a sensações térmicas abaixo de zero.

Os minutos que antecedem o pouso em Santiago são os mais espetaculares; sobrevoamos a Cordilheira dos Andes, com seus picos nevados, soberana e encantadora, cortando quase toda a América do Sul em 8.000 quilômetros, desde a Patagônia até a Venezuela.

Não pude deixar de imaginar uma possível queda nessa região ao lembrar do episódio em que passageiros uruguaios que sobreviveram a um acidente de avião em 1972, quando ficaram 71 dias presos debaixo de gelo e neve na Cordilheira dos Andes, precisaram comer uns aos outros para sobreviver.



Cordilheira dos Andes - Chile

No episódio conhecido como "Milagre dos Andes", um avião da Força Aérea uruguaia com 45 pessoas a bordo caiu nas montanhas nevadas do Chile em 13 de outubro de 1972. Duas pessoas morreram na hora e mais oito pessoas nos dias seguintes.

Me certifiquei de que tinha realizado vários registros fotográficos e de vídeo de toda aquela beleza que, para muitos, passava despercebido, mas que, para mim, era o início de uma série de novas surpresas. Nos picos mais altos da cordilheira, a neve nunca derrete, mas, como o tempo não era de nevasca total, por conta do verão, o contraste entre as rochas marrom escura, a neve e o sol eram especialmente encantadoras.

– Senhores passageiros, dentro de alguns minutos estaremos pousando no Aeropuerto Comodoro Arturo Merino Benitez. Por favor, queiram desligar todos os aparelhos eletrônicos e apertar os cintos.

Enquanto o avião manobra descendo para o pouso, a tal massa de ar dos Andes se mostrava tenebrosa, causando instabilidade, uma turbulência, digamos, um pouco mais agressiva. Vejo as caras pálidas e úmidas do suor frio, suor este que também escorria pelas minhas têmporas. Observo as pessoas que mesmo com os respectivos cus no ponto, ainda tentavam fazer cara de des preocupados.

Em solo firme, depois de 12 horas de peregrinação, saindo de Salvador, fazendo escala em Vitoria, no Espirito Santo, e uma conexão em São Paulo, cheguei em Santiago do Chile, pronto para dar a primeira carimbada no meu passaporte virgem, que já fora providenciado desde meados do ano anterior. Mesmo acreditando que tudo estava ok, uma mescla de tensão e alegria tomava conta de mim, porque definitivamente imigração é sempre tenso, um ambiente hostil.

Existe um acordo entre os países do Mercosul em relação ao ingresso para a permanência de até 90 dias, não sendo necessário o pedido de visto tampouco passaporte obrigatório, a carteira de identidade com emissão igual ou inferior a dez anos já é suficiente. No entanto, para que se evite o transporte desnecessário de muitos papéis de entrada e saída, é bem mais cômodo emitir o passaporte. A grande vantagem, claro, pra quem é fanático por *trips* como eu, é o carimbo dos países que ingressou; uma lembrança perfeita.

Para um andarilho, cada carimbo pode ser chamado de conquista e não encarado como status. Por outro lado, romantizando a coisa, devo dizer que, o cenário ideal seria o fim das fronteiras no mundo. Creio que o Mercosul teve uma grande função ao atenuar esse peso com os irmãos.

Em meados dos anos 80, num acordo comercial estabelecido entre a Argentina e Brasil começou-se a pensar no MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), que se formou oficialmente em 1991 com a adesão do Uruguai e Paraguai e a Venezuela que está em processo de adesão. Atualmente, em 2022 quando esta obra é editada, o Mercosul é formado por cinco membros plenos: Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Venezuela, que está suspensa do bloco desde dezembro de 2016; cinco países associados: Chile, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.

Após sair da aeronave, fomos orientados gentilmente a seguir por um corredor que nos levaria para o controle de imigração. De longe, avisto uma fila muito bem organizada, paralela às cabines, onde ficam os policiais federais.

Chego ao primeiro desafio, pois mesmo estando dentro dos conformes, em relação a documentos, não posso esquecer as histórias de pessoas barradas, presas, humilhadas e até mortas em fronteiras. Exageros à parte fico na fila aguardando a minha vez ansiosamente com os documentos em mãos. Tudo pode até parecer simples quando já conhecemos o processo, mas no meu caso tudo era novo, era a minha primeira *trip* internacional.

Após alguns meses de aprendizados empíricos, sentia-me totalmente inseguro, depois de escutar um casal chileno proseando informalmente. O castelhano falado pelo chileno parece diferente da fala do resto do mundo, um dialeto talvez. Apesar de muito veloz, eles não usam gírias ou mesmo palavrões, como no caso dos argentinos e espanhóis, que são bocas sujas

Na fila, fiquei atento a uma placa que soava um sinal, e uma luz se acendia quando alguma cabine estava disponível. Quando chega a minha vez, a cabine quatro me chama.

Vou até lá e quem me atende é uma mulher; me pede para que eu fique com a cabeça alinhada, então percebo que estou sendo fotografado.

– Olá senhor, bem-vindo ao Chile, seu passaporte ou documento oficial de identificação do seu país, por favor.

– Ok, aqui está meu passaporte.

– Aguarde um momento, senhor.

Depois de olhar rapidamente para o passaporte, ela olhou para mim e conferiu a foto. Então veio o momento mais esperado: uma carimbada caprichada no meu passaporte.

Antes de demonstrar intenção de querer me devolver, deu mais uma conferida franzindo a testa e

então o improvável aconteceu: “O que foi que essa mulher achou de tão estranho no meu passaporte”? Pensei eu grilado.

A policial abre meu passaporte e aponta para o meu sobrenome:

– O teu sobrenome é esse, Parente? Pergunta apontando para o meu nome.

– Sim, esse é o meu sobrenome. Respondo de forma segura.

Nesse momento, outro policial chega e pergunta à colega o que ocorre. Ela explica algo que entendo como “a culpa não é dele”, apontando ainda para o meu passaporte. Concordei com ela imediatamente, mesmo desconhecendo o assunto em que se estava discutindo.

- Leonardo, esse é o sobrenome de sua mãe? Aponta para o “Parente” de minha mãe, então entendo do que eles estão falando, pois tem escrito “Perente”, confirmando então a grafia errada.

Quando se vai retirar o passaporte na Polícia Federal, pedem sempre para que você olhe e confira cuidadosamente, mas sempre acho isso bobagem, e acabo passando despercebido nos possíveis erros.

Mesmo não tendo culpa, sinto-me um pouco constrangido e com um pouco de medo de ser deportado, acusado de utilizar documentação falsa. Ainda que eu não tenha percebido o erro, acho imperdoável que a própria polícia erre num documento desses, sendo que isso pode causar algo de negativo para a pessoa que porta o documento.

Com um sorriso, a policial me entrega finalmente o meu passaporte, dizendo para que eu não ficasse preocupado, pois isso é bastante comum, porém em países da América do Norte e alguns europeus certamente teria problemas. Eu estava com a carteira de

identidade e, no momento da dúvida, dei a ele, o que melhorou a minha situação.

Quando a policial tocou a campainha para que outra pessoa fosse atendida, soou como uma doce música de liberdade, como se ela dissesse: “Vai embora que você já está liberado”.

Na minha frente vejo logo de cara um freeshop cheio, tentações que só podem ser compradas com dólares, a preço de custo quase, mas não tão menos caras para mim. Como eu não estava a fim de chegar já gastando grana, e ainda não tinha pegado as minhas bagagens, que já estavam rodando na esteira, segui para lá e me posicionei, aguardando a minha mochila guerreira de 75 litros chegar.

Certamente que essa é a parte mais inconveniente de todo o processo. A ideia de perder a minha mochila com todos os meus pertences não era nada animadora, pois muita gente perde a mochila, e por isso é bom pegar uma daquelas etiquetas que você pode colocar nome, endereço, telefone e destino.

É sempre um inconveniente muito grande perder as bagagens, anos depois desta viagem, fui para a Índia e o Nepal e só levei uma mochila com cinco quilos, o que me permitiu carregá-la comigo para onde eu fosse, me poupando o estresse de ficar tenso a cada voo sem saber se minha bagagem chegaria.

Do meu lado, vejo um homem com uma criança nos braços, falando algo em português. Eu já tinha a ideia de onde ficaria em Santiago, num albergue da juventude que fica no centro, mas estava muito inseguro em relação à língua, não resisti e perguntei ao cara:

– Olá, você é brasileiro?

– Sim, minha mulher é chilena e viemos visitar minha sogra. E você?

– Sou brasileiro, passarei uns dias aqui em Santiago e seguirei para a Argentina.

– Legal.

– Queria saber onde fica esse endereço?

Mostro o papel com o nome e endereço do albergue.

Ele me explica que o lugar é fácil de chegar e, tranquilo, me indicou umas vans que ficam em frente ao aeroporto e te deixam na porta do local onde a pessoa ficará hospedada. A passagem é comprada ainda dentro do aeroporto, por um valor intermediário que não é nem tão caro quanto um taxi, ou tão barato quanto um transporte público. Passei para a parte de fora do aeroporto e, como num passe de mágica, já estavam aparecendo diversos convites de taxistas e donos de vans:

– Senhor! Senhor! Senhor! Taxi!

Puxei o bilhete que havia comprado lá dentro e o alvoroço acabou.

Um senhor baixinho, com aparência indígena, pede o bilhete e me indica o carro que devo tomar.

Lá, dentro da van, já tinha outro senhor com uma garota de aproximadamente 12 anos.

– Hola, de onde é? Pergunta-me.

– Sou brasileiro, e vocês?

– Sou chileno e ela é brasileira, viemos visitar familiares e você?

– Vim curtir as férias mesmo.

– Passará quantos dias?

– Acho que três em Santiago.

– E depois?

– Depois sigo para a Argentina.
– Você é um mochileiro, não é?
– Bem, tenho uma grande mochila comigo, acredito que enquadro nessa categoria. Falei sorrindo.
– O que você leva nessa mochila?
– Uma versão light do que você leva, digamos assim. A garota parece ser surda, muda e não dá uma palavra. O coroa me parece um magnata, mas não perco tempo e começo a bombardeá-lo com perguntas sobre Santiago. “Aqui é legal? É perigoso? As coisas são caras? E a polícia? E a comida? O que fazer à noite? Qual a melhor região da cidade para se hospedar?”

Não sei se ele fez para me tranquilizar, mas as referências eram sempre muito boas. Todas as sugestões que ele me deu acabei visitando. Ele me sugeriu os cerros, museus, parques, bairros Bela Vista e Brasil, Paseo Ahumada, entre outros.

Ele foi enfático ao falar que comida boa e com um preço justo era no Mercado Central, pois nesse mercado os peixes e crustáceos são pescados no Oceano Pacífico.

Pela janela, observo as ruas nas proximidades do aeroporto e até já efetivamente entrando na cidade propriamente dita, com prédios, comércio e gente pra lá e para cá, cujo aspecto tem um pouco de abandono. À medida que vamos chegando mais próximo do centro as coisas vão melhorando.

Durante todo o trajeto, não consegui achar nenhuma imperfeição na pista e também não vi nenhum carro velho.

– Ok senhor, este é o Hostelling Internacional Santiago.

– Tudo bem, obrigado.

– Boa sorte garoto, bendiz o coroa.

– Obrigado!

A menina com cara de enjoada só abria a boca para reclamar, permanecendo estática. O hotel por fora não instigava e tampouco por dentro. Chegando ao balcão, não tinha ninguém e foi quando enxerguei o que eu só via em filmes, um sino que não hesitei em tocar.

No meio tempo em que cheguei, antes de ver o sino, meus olhos já haviam passeado por todo o ambiente, que parecia calmo, do lado da recepção; outro ambiente com sofás e duas máquinas conectadas à Internet. As máquinas eram decadentes, lentas e estavam sempre ocupadas. Quando pensei em tocar o sino novamente, apareceu um sujeito magro, usando piercings e com aparência de que havia passado a noite numa rave.

– Boa tarde, só temos vagas em quartos compartilhados, custa 5 mil pesos.

No momento em que o vi, não senti cordialidade, interesse e nem servidão nele, de antemão digo que foi o pior atendimento que tive em toda a viagem. Será que estava escrito na minha testa que queria esse quarto? Acho que ele poderia esperar eu perguntar o preço. Enfim, acabei ficando com um quarto masculino para seis, dos quais só tinham quatro no momento em que cheguei.

O atendente então me pediu documentos e o adiantamento de uma diária. Mecanicamente, como se não estivesse nem um pouco a fim de fazer aquilo, começou a me mostrar num mapa as principais atrações de Santiago e me ofereceu pacotes turísticos, mas, certamente, com toda aquela alegria e dedicação que ele estava, não quis contratá-lo.

Depois de me mostrar os mapas, ele pediu para que eu o acompanhasse até meu quarto, e no caminho foi me explicando onde ficavam as coisas: banheiro, administração, bar, entre outros.

Chegando ao quarto, tinham quatro caras: um estava na parte de baixo do último beliche; o que ficava mais próximo da janela estava mexendo num mundo de papezinhos espalhados na cama; o outro estava na parte de cima deste mesmo beliche dormindo com um livro aberto sobre a barriga; no beliche do meio estava outra figura na cama de cima escutando o som com um Ipod; e embaixo alguém coberto dos pés à cabeça. Ficamos por alguns minutos conversando o que todos os mochileiros conversam quando se conhecem, onde moramos, o que fazemos, para onde vamos, onde fazer o melhor câmbio. Depois disso fui ao banheiro tomar banho, afinal de contas já faziam mais de 24 horas que tinha saído do Brasil.

Ao retornar ao quarto, o cara que antes estava coberto da cabeça aos pés, um homem branco, aparentando cerca de 60 anos de idade, magro, somente com um tapa-olho e um tampa ouvido; agora estava como veio ao mundo, totalmente nu. Nesse momento, o quarto estava somente com o israelense e o espanhol que faziam uma expressão de “não estou entendendo nada também”.

Parecendo pressentir as atenções voltadas para ele, o coroa tirou o tapa-olho e, com dificuldade de enxergar, olhou ao redor e disse: “Algum problema?”. Pendurado na cabeceira da sua cama, ele tinha uma camiseta que consegui ler: era um arco-íris e embaixo estava escrito rainbow, importante encontro de hippies do mundo inteiro. Então entendi o perfil do cara. Falei com ele que não ocorria nada, mas os caras do quarto já estavam

putos com aquele velho diariamente de pau duro e sem roupa. Então falaram sobre a possibilidade de ele passar a usar roupas. Ele ficou puto de raiva e, na mesma hora, levantou e começou a arrumar as suas coisas. Depois ficamos sabendo que ele mudara de quarto para um individual.

Depois de deixar minhas coisas no quarto, resolvi dar um rolê por Santiago, um rolê bem discreto. Confesso que estava com medo de me afastar do albergue. Peguei no balcão um cartão onde tinha o endereço do hostel que ficava na Calle Cienfuegos, 151 – entre los metros Los Heroes e Republica.

Queria fazer uma ligação, pois desde que saí de São Paulo não falava com ninguém da minha família. Na banca de revistas pedi um cartão de ligações internacionais exercitando o meu portunhol.

Com o cartão nas mãos, fui até um telefone público que, por sinal, estava bem conservado como a maioria dos bens públicos em Santiago. Virei o cartão e comecei a raspar o local marcado para ver a senha. Segui as instruções, inserindo a senha e depois digitando passo a passo o que eles pediam, mas não conseguia de jeito nenhum. Fiquei puto e guardei o cartão no bolso.

Já meio conformado em não fazer a ligação, resolvi bater perna pelo centro de Santiago. Os chilenos são figuras atenciosas, simples e prestativos, porém sérios; logicamente que o recepcionista do albergue era uma exceção. Talvez pelo fato de ser uma grande metrópole, os chilenos podem demonstrar mais frieza, o que não ocorre no interior do departamento.

Santiago é uma das cidades mais limpa que já vi na América do Sul. Estatuas, praças, prédios, telefones públicos, metrô, ônibus, tudo é muito conservado, pelo